

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 11 de fevereiro de 2019 às 07h44*  
*Seleção de Notícias*

## Economia & Negócios -Estadão.com | BR

Pirataria

<b>China absorve o conceito de propriedade intelectual . . . . .</b>	<b>3</b>
--	----------

ECONOMIA

## Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Patentes

<b>Cientistas criticam falta de regulamentação para edição genética . . . . .</b>	<b>5</b>
---	----------

## O Globo | BR

Propriedade Intelectual

<b>Inovação lança dúvidas sobre propriedade intelectual . . . . .</b>	<b>8</b>
---	----------

ECONOMIA

## BOL - Notícias | BR

09 de fevereiro de 2019 | Pirataria

<b>"Guerra" entre plataformas de streaming está fazendo pirataria voltar a crescer . . . . .</b>	<b>9</b>
--	----------

# China absorve o conceito de propriedade intelectual

ECONOMIA

Com o crescimento da inventividade dos empresários chineses, avançou também nos últimos anos, na velocidade de um foguete, a capacidade para proteger as próprias ideias

Guerras, às vezes, têm seus momentos de leveza cultural -- mesmo as guerras comerciais. No verão passado no Hemisfério Norte (junho a setembro), enquanto os Estados Unidos e a **China** se bombardeavam na questão de tarifas, uma exposição singular foi inaugurada no Museu Nacional da China, na Praça da Paz Celestial, homenageando, entre outras coisas, a proteção à **propriedade intelectual** americana.

Foi um sucesso surpreendente. Mais de 1 milhão de visitantes foram conhecer dezenas de invenções muito bem elaboradas, como uma sorveteira, submetida ao Escritório de **Patentes** dos Estados Unidos entre 1836 e 1890 (propriedade do Museu Hagley em Delaware).

Sem dúvida, alguns visitantes foram obrigados a ir ao museu, porque o evento coincidiu com o início de uma iniciativa inovadora do presidente Xi Jinping. Mas muitos simplesmente eram admiradores da inventividade americana. Um visitante notável, diz David Cole, chefe do Hagley Museum, foi um homem idoso, Hu Guohua, ao qual foi concedida a primeira **patente** na China comunista, em 1985. Foi um lembrete de como é recente a proteção à **propriedade intelectual** na China; nos Estados Unidos, a primeira **patente** remonta a 1790 e foi assinada por George Washington.

A propriedade intelectual é uma das principais frentes da guerra comercial do presidente Donald Trump contra a China. Também está no cerne de uma acusação americana contra a Huawei, a gigante chinesa de tecnologia. Em ambos os casos, o governo procura dar a impressão de que roubar do Ocidente faz parte do modus operandi das empresas chinesas, algo que

um colunista do Wall Street Journal descreveu na semana passada como uma prática que eles encaram como um "dever patriótico".

Mas essa é uma forma preguiçosa de pensamento. O Estado chinês pode incentivar o flerte às ideias, e empresas estrangeiras na China sem dúvida enfrentam pressão para entregar seus segredos. No entanto, a proteção à **propriedade intelectual** na China, apesar de todas as suas falhas, melhorou na velocidade de um foguete nos últimos tempos. À medida que as empresas chinesas emitem mais patentes, mais interessadas estão em protegê-las. Alguns executivos até mesmo apoiam a pressão americana, esperando fortalecer o Estado de Direito. Em um eco ao apelido bajulador "Xi Dada", alguns sussurraram "Trump Dada", ou papai Trump.

A ladainha de reclamações sobre **pirataria** na China, com certeza, remonta a décadas: violação de **direitos autorais** no caso de software e violação de marca registrada a empresas como a Disney. Michael Jordan, uma lenda do basquete, passou anos tentando impedir uma empresa de roupas esportivas de usar seu nome, Qiaodan em chinês, até ser parcialmente bem-sucedido em 2016. Atualmente, marcas locais da Peppa Pig, personagem de desenho animado, estão sendo procuradas por dezenas de "invasores" de patentes.

A China está distante de cumprir os compromissos assumidos ao ingressar na Organização Mundial do Comércio em 2001. O país ainda obriga joint ventures com empresas estatais a cederem a propriedade intelectual. No entanto, essa mentalidade começa a mudar.

De origem humilde, a China foi responsável por 44% dos pedidos de patentes do mundo em 2017, duas vezes mais do que os EUA, segundo a **Organização Mundial da Propriedade Intelectual**. Empresas, principalmente as chinesas, abrem processo umas

Continuação: China absorve o conceito de propriedade intelectual

contra as outras por patentes na China mais do que em qualquer outro país.

Quando os estrangeiros entram em litígio na China, Rouse, um escritório de advocacia, diz que eles têm um índice de vitórias mais elevado em casos de patentes do que os domésticos, e recebem mais indenizações em geral. As multas são baixas em relação aos padrões internacionais, mas estão melhorando: a Alfred Dunhill, uma marca britânica de bens de luxo, ganhou uma ação de US\$ 1,4 milhão em outubro por violação de uma marca chinesa de roupas masculinas chamada Danhuoli.

Quanto mais inventiva for, mais a proteção beneficia a China. A Huawei foi a empresa que fez mais registros de patentes internacionais no mundo em 2017; quaisquer que sejam as dúvidas sobre sua lealdade ao Estado chinês, é difícil duvidar de seu compromisso com a inovação. Um executivo da Alibaba observa que, à medida que as empresas chinesas se expandem globalmente, particularmente no Sudeste Asiático, elas também sofrem com o roubo de suas ideias, tornando-se cada vez mais capacitadas a protegê-las.

É por isso que alguns executivos na China aceitam o raciocínio por trás da pressão política dos americanos. Afinal, eles admitem que, se não fosse pela pressão americana sobre a propriedade intelectual, a China não teria avançado nem a metade.

A imitação como lisonja. Também vale a pena lembrar o quanto de força cultural o sistema de pro-

priedade intelectual anglo-saxão representa para a China. O país que inventou a prensa não tinha um conceito ocidental de copyright. Existe até um ditado chinês segundo o qual "roubar um livro é uma ofensa elegante".

Quando as invenções estavam florescendo na América do século 19, o Ocidente tentou impor códigos de propriedade intelectual a uma China humilhada que não conseguia enquadrar suas tradições confucionistas. No entanto, não se poderia dizer que os EUA fossem santos.

Como aponta Cole, do Hagley Museum, seu escritório de patentes cobrava nos primeiros dias mais pelas patentes de estrangeiros do que pelas de americanos, especialmente os britânicos, com os quais os Estados Unidos estavam engajados em uma versão inicial da "competição estratégica". Esse não foi um ponto enfatizado na exposição na Praça Tiananmen. /  
TRADUÇÃO DE CLAUDIA BOZZO

]

© 2018 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM

Notícias relacionadasPequeno parafuso mostra por que a Apple não sai da China

## Cientistas criticam falta de regulamentação para edição genética

O nascimento de bebês geneticamente modificados acendeu o alerta para os riscos desse tipo de experimento em seres humanos

Há um ano, Matthew Porteus, pesquisador em genética da Universidade Stanford, na Califórnia, recebeu uma inesperada mensagem de e-mail enviada por um jovem cientista chinês que pedia para se reunir com ele. Algumas semanas mais tarde, o cientista, He Jiankui, chegou ao escritório dele e fez um anúncio extraordinário. Ele disse ter obtido a aprovação de uma comissão chinesa de ética para criar gestações usando embriões humanos geneticamente editados por ele, um experimento que nunca tinha sido tentado e é ilegal em muitos países.

"Devo ter passado uns 40 minutos explicando a ele com toda a clareza que aquilo era errado, uma irresponsabilidade", disse Porteus.

O pesquisador não denunciou as intenções de Jiankui porque pensou tê-lo convencido a mudar de ideia, e não sabia ao certo a quem fazer a denúncia na China. O mesmo ocorreu com dois outros cientistas americanos a quem Jiankui revelou suas intenções.

Agora, passados quase três meses depois que Jiankui abalou o universo científico anunciando que tinha criado os primeiros bebês geneticamente modificados do mundo - gêmeas, nascidas em novembro -, as principais instituições mundiais da ciência e da medicina estão tentando criar proteções internacionais para impedir que experimentos não supervisionados como este se repitam.

Mas não há entre os cientistas um consenso quanto à melhor maneira de fazê-lo. Até os inventores da ferramenta de edição genética Crispr, usada por Jiankui, discordam em relação à melhor abordagem. Alguns cientistas desejam uma moratória de anos na criação de gestações com embriões humanos editados ge-

neticamente. Para outros, uma moratória seria demasiadamente restrita, além de difícil de policiar. Alguns acreditam que as revistas científicas deveriam recusar a publicação de pesquisas envolvendo a edição genética de embriões. Para outros, tal iniciativa seria tão equivocada quanto ineficaz.

Mas a maioria concorda que as principais instituições de saúde e pesquisa científica devem agir rapidamente. A Organização Mundial da Saúde está reunindo uma comissão para desenvolver parâmetros globais que deverão ser seguidos pelos governos. Lideranças da Academia Nacional de Medicina e da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, bem como a Academia Chinesa de Ciências, propuseram uma comissão em parceria com academias de outros países para o desenvolvimento de critérios adequados. O policiamento caberia aos países individualmente, e muitos deles já contam com regulamentações relevantes.

O temor não diz respeito apenas à possibilidade de os bebês desenvolverem problemas de saúde inesperados e possivelmente hereditários, nem às tentativas de produção de bebês alterados geneticamente para apresentarem determinadas características físicas, intelectuais ou atléticas. Os cientistas também temem uma reação negativa contra a edição genética que não envolve embriões, que apresenta um potencial maior para o tratamento ou prevenção de doenças.

Além de alguns cientistas americanos saberem das intenções de Jiankui, é possível que um deles o tenha ajudado. Michael Deem, seu antigo orientador de doutorado na Universidade Rice, no Texas, disse à Associated Press que estava presente na China durante o procedimento de consentimento informado com os casais que participaram do projeto. A Uni-

Continuação: Cientistas criticam falta de regulamentação para edição genética

versidade Rice está investigando o caso.

Jiankui, que ainda não chegou aos 40 anos, divulgou publicamente seu trabalho em um anúncio feito em vídeo em novembro.

"Fiquei simplesmente horrorizada. Senti uma espécie de mal-estar físico", disse Jennifer Doudna, uma das inventoras do Crispr e bioquímica da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Jiankui disse ter desativado um gene nos embriões que permite sua infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, algo desnecessário do ponto de vista da medicina porque há maneiras mais simples e seguras de se evitar a contaminação pelo HIV.

Os dados apresentados por ele indicam que a edição genética pode ter causado alterações genéticas acidentais, com implicações desconhecidas para a saúde. Há dúvidas quanto à dedicação de Jiankui em fazer os pais das crianças compreenderem os riscos da edição. Ele diz ter criado outra gestação que, de acordo com as autoridades chinesas, ainda está em andamento.

Outro americano consultado por Jiankui, o professor de ética William Hurlbut, de Stanford, disse ter manifestado sua veemente oposição ao trabalho em questão quando conversou com Jiankui, alertando-o de que "o resultado disso poderia feri-lo e humilhá-lo".

Se Jiankui tivesse trabalhado por meio de universidades e instituições de financiamento americanas, os cientistas poderiam ter alertado instâncias superiores, segundo Francis Collins, diretor dos Institutos Nacionais de Saúde. O sistema chinês é tão complexo que os cientistas americanos talvez não soubessem "exatamente qual tipo de alarme deveriam ter soado e a quem deveriam ter chamado a atenção para o caso", disse ele.

Os esforços para a criação de uma resposta coor-

denada internacional ganharam força no fim de janeiro, quando autoridades chinesas indicaram que uma investigação preliminar do governo revelou que Jiankui "violou gravemente" as regulamentações do país, de acordo com a mídia estatal chinesa.

As revelações - segundo as quais ele teria forjado documentos éticos, usado métodos de edição genética pouco seguros e eficazes e evitado deliberadamente a supervisão - indicam que ele pode ser alvo de acusações criminais. O lar acadêmico de Jiankui, a Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Shenzhen, rescindiu seu contrato.

No início, não se sabia se Jiankui enfrentaria consequências. Nos anos mais recentes, a China investiu milhões com o objetivo de se tornar uma potência científica, incluindo recursos para trazer de volta cientistas chineses como Jiankui, que obteve seu doutorado e pós-doutorado nos EUA.

"Foi fundamental que esse trabalho perigoso e gratuito tenha sido oficialmente reconhecido e considerado ilegal", disse Jennifer Doudna. "Esse anúncio confirma a existência de um 'limite' internacional para a conduta ética e científica para ajudar a garantir que esse tipo de trabalho - radical, desnecessário do ponto de vista médico e negligente - não volte a ocorrer".

Pelo menos uma das principais revistas científicas decidiu não publicar a pesquisa de Jiankui antes de ele a divulgar ao mundo, e os cientistas debateram se esses resultados devem ser publicados ou não.

Ainda que Jiankui tenha afirmado que sua motivação é proteger as pessoas do HIV, também está claro que ele queria a aprovação de cientistas importantes. Vários meses antes do nascimento das gêmeas, ele pediu para visitar Feng Zhang, outro dos inventores do Crispr.

No laboratório Broad Institute, de Zhang, em Boston, Jiankui mostrou dados de seu trabalho de edição

Continuação: Cientistas criticam falta de regulamentação para edição genética

genética de embriões humanos em laboratório, algo que não alarmou Zhang porque já tinha sido feito por muitos cientistas. Mas Zhang criticou duramente "grandes problemas" no resultado das modificações genéticas de Jiankui. E, segundo Zhang, ele nada comentou a respeito da possibilidade de implantar os embriões.

Alguns especialistas dizem que a melhor maneira de impedir o uso equivocado da edição genética de embriões seria uma ação coordenada por parte de todas as entidades públicas e privadas envolvidas com as novas tecnologias científicas, incluindo agências reguladoras, escritórios de **registro de patentes**, organizações de financiamento e seguradoras. Num artigo publicado recentemente na New England Journal of Medicine, a bioética R. Alta Charo, da Universidade de Wisconsin, em Madison, recomendou um "abrangente ecossistema de entidades públicas e privadas capaz de conter os independentes entre nós".

O primeiro passo pode ser uma comissão internacional, comandada pelas academias americanas de ciência e medicina, cuja formação já tem o consentimento de muitos países, disse Victor Dzau, presidente da Academia Nacional de Medicina, em Washington. Esse organismo produziria um do-

cumento este ano estabelecendo parâmetros detalhados.

Os parâmetros atuais, refletidos num relatório de 2017 das Academias Nacionais, dizem que embriões humanos só devem ser usados em gestações para evitar ou tratar "doenças e deficiências graves" para as quais não haveria "alternativa razoável" de tratamento.

Dzau quer detalhes mais específicos, como o tipo de doença considerada grave o bastante para justificar os riscos, quais seriam os riscos aceitáveis, e quantos testes preliminares seriam exigidos. Ele disse que a comissão pode recomendar uma moratória na implantação de embriões humanos geneticamente modificados até a publicação do seu relatório. Alguns cientistas de renome desejam um hiato mais longo.

"Quando falamos em moratória, o termo é tratado com mais respeito", disse Francis Collins, dos Institutos Nacionais de Saúde, destacando que seria necessário um acordo internacional para mantê-la, dissuadindo os países de decidirem individualmente que "se depender de nós, não haverá problema".

# Inovação lança dúvidas sobre propriedade intelectual

## ECONOMIA

Empresas que criaram a tecnologia ficam com os direitos, mas cedem o licenciamento para usuário mediante pagamento

Com a automatização da composição de música, resta uma dúvida: quem é o dono dos **direitos autorais**, as máquinas ou os usuários que as estimularam? Em plataformas on-line como a Jukedeck, as músicas feitas automaticamente a partir dos cliques dos clientes pertencem às companhias que criaram as inteligências artificiais. O uso é cedido mediante pagamento.

- A Jukedeck é dona dos **direitos autorais**, mas os usuários recebem uma licença livre de royalties para usar a música em qualquer mídia, em todo o mundo - explica Patrick Stobbs, cofundador da Jukedeck, que cobra US\$ 22 por faixa, para uso comercial.

A ideia dos criadores das plataformas é oferecer uma alternativa rápida, e mais em conta, para que criadores de conteúdo - youtubers, produtores de TV e cinema, publicitários e desenvolvedores independentes de videogames - tenham acesso a temas musicais exclusivos, livres de royalties. Contudo, existe o temor de que as máquinas tomem o trabalho de compositores.

## ARTE AMEAÇADA

Além dos hits que alcançam o grande público no rádio ou no Spotify, os compositores são responsáveis por trilhas sonoras de filmes e programas de TV, jingles de comerciais, entre outros produtos. Drew Silverstein, que antes de fundar a Amper compunha para Hollywood e produtoras de TV e videogames, concorda que o trabalho do compositor está prestes a

sofrer uma mudança profunda, mas que a carreira continuará a existir.

- Existe a música funcional, que é valorizada por criadores de conteúdo que precisam das músicas, mas não possuem conhecimento para criá-las. E existe a música como arte, valorizada pelo processo de produção. Essa música, que preza o lado artístico, nunca será substituída - opina Silverstein. Mas eu posso dizer que o trabalho dos compositores daqui a cinco ou dez anos será diferente do que é hoje, da mesma forma que o trabalho hoje é diferente do que era há dez ou 20 anos.

Richard Portelli, cofundador e diretor executivo da Hexacords, desenvolvedora do software Orb Composer, vê a inteligência artificial como uma ferramenta. Quem precisa urgentemente de uma música pode recorrer às máquinas, mas músicos e compositores também podem fazer uso dessa tecnologia para testar de forma ágil novas idéias, como progressões de acordes, diferentes instrumentos e novos ritmos e tons.

- Também é uma boa ferramenta educacional para pessoas que querem mergulhar no mundo da música diz Portelli.

Para o pianista Luciano Alves, o impacto das novas tecnologias para os compositores será semelhante ao que aconteceu com os músicos com o surgimento dos DJs:

- Antes, as pessoas iam casar e contratavam uma banda. Agora, contratam um DJ. Por que as pessoas vão contratar um compositor se poderão ter músicas com alguns cliques?



## "Guerra" entre plataformas de streaming está fazendo pirataria voltar a crescer



Um novo estudo mostra que, após anos de declínio, o uso da plataforma BitTorrent e o de outros sistemas de **pirataria** digital de vídeo está crescendo novamente, e os culpados são as próprias plataformas de streaming, como a Netflix, Amazon Prime Video e a Hulu.

O motivo: segundo o relatório Global Internet Phenomena, da Sandvine, tais serviços vêm investindo fortemente em contratos de exclusividade, o que força assinantes a ter de acessar várias plataformas diferentes para encontrar seu filme ou série favorita.

Por causa desse trabalho e, principalmente, por questões financeiras, muitos estão preferindo simplesmente baixar os conteúdos ilegalmente, como já fizeram no passado.

Segundo o relatório, 22% do tráfego mundial da internet corresponde a uploads de arquivos com-  
abpi.empauta.com

partilhados, com 97% desse tráfego vindo do BitTorrent, plataforma que permite ao usuário baixar arquivos via torrent.

Em 2011, o BitTorrent representava 52% dos uploads na América do Norte e, em 2015, a participação caiu para 26,83%, em grande parte devido ao aumento da qualidade e alternativas das plataformas de streaming à **pirataria**.

Essa tendência de queda, no entanto, vem sendo ligeiramente revertida graças ao novo crescimento do BitTorrent, principalmente no Oriente Médio, Europa e África. Nessas regiões a plataforma responde por 32% de todo o tráfego de uploads.

Segundo especialistas, a proliferação de conteúdos exclusivos vem trazendo dor de cabeça para os usuários. Exemplos de séries de sucesso exclusivas: "Game of Thrones", da HBO, "House of Cards", da Netflix, e "Jack Ryan", da Amazon.

"Ter acesso a todos esses serviços fica muito caro para o consumidor, por isso eles estão assinando um ou dois e pirateando o resto", afirma Cam Cullen, diretor na Sandvine.

A "guerra" do streaming parece estar só começando. Estudos mostram que quase todas as grandes emissoras dos Estados Unidos querem iniciar seu próprio serviço até 2022, sem falar da gigante Disney, que já prepara sua própria plataforma para este ano.

Outros dados interessantes publicados no Global Internet Phenomena: 58% do tráfego global de internet vem do streaming de vídeos e, sozinha, a Netflix, conhecida por não revelar ao público sua audiência, representa 15% do total.

## Índice remissivo de assuntos

**Propriedade Intelectual**

3, 8

**Direitos Autorais**

3, 8

**Pirataria**

3, 9

**Patentes**

3, 5

**Entidades**

3